



QUERO ESTUDAR VIGOTSKI NO ENSINO DE ARTES VISUAIS, E AGORA?

I WANT TO STUDY VIGOTSKI IN TEACHING VISUAL ARTS, NOW WHAT?

Maristela Müller¹

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Margarete Gasperin²

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Raquel Manica³

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO

Nosso objetivo, ao escrever este texto, é contextualizar os escritos de Vigotski, destacar sua base teórica, abordar os problemas de tradução e cortes em suas obras e conhecer algumas de suas contribuições para o ensino de artes visuais. O aporte teórico e metodológico segue o Materialismo Histórico-Dialético, tendo como as principais referências Marx (1985), Vigotski (2007; 2018), Duarte (2001) e Saviani (2003; 2018). Como resultado e conclusões compreendemos que é necessário conhecer e contextualizar os autores, suas obras e suas abordagens teóricas, a fim de não misturar teorias como se fossem complementares, e/ou reduzir e suprimir as ideias dos autores (sendo que este é um risco constante). Nesse sentido, o texto pode contribuir para estudantes iniciantes que queiram estudar e conhecer um pouco sobre Vigotski, suas críticas e contribuições para o ensino e as artes visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Vigotski. Pedagogia Histórico-Cultural. Materialismo. Ensino. Artes Visuais.

¹ Doutora e Mestra em Artes Visuais, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV da UDESC. Graduada em Educação Artística (2010, CEART-UDESC) e Pedagogia (2021, Claretiano). Atualmente é professora colaboradora do CEAD e CEART da UDESC. Faz parte do Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Artes. Instagram: @maristellamuller. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6851046588756371> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0649-9813>

² Mestranda do programa do Prof-Artes UDESC, 2023. Graduada em Educação Artística: Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste (2003). Professora efetiva na Secretaria Municipal de Educação, em São Miguel do Oeste - SC. Participa desde 2009, de exposições de artes em São Miguel e região. (<http://lattes.cnpq.br/2689083663143579>)

³ Mestranda no programa Prof-Artes, UDESC. Participante como bolsista do programa de extensão Boas Práticas e educação e meio ambiente (2019). Graduada em Artes Visuais licenciatura, pela UPF (2021). Atualmente, leciona como professora titular da disciplina de Arte atendendo 300 alunos do ensino fundamental na rede municipal. Seus principais interesses de estudos e pesquisa são: Ensino de Arte, Educação pública. (<http://lattes.cnpq.br/1963829046823315>)



ABSTRACT

Our objective, in writing this text, is to contextualize Vigotski's writings, highlight his theoretical basis, address the problems of translation and cuts in his works and learn about some of his contributions to the teaching of visual arts. The theoretical and methodological contribution follows Historical-Dialectic Materialism, with the main references being Marx (1985), Vigotski (2007; 2018), Duarte (2001) and Saviani (2003; 2018). As a result and conclusions we understand that it is necessary to know and contextualize the authors, their works and their theoretical approaches, in order not to mix theories as if they were complementary, and/or reduce and suppress the authors' ideas (this is a constant risk). In this sense, the text can contribute to beginning students who want to study and learn a little about Vigotski, his criticisms and contributions to teaching and the visual arts.

KEYWORDS

Vigotski. Historical-Cultural Pedagogy, Materialism. Teaching. Artes Visuais.

Apresentação e Contextualização: Entre equívocos e revisões

Partimos da apresentação e contextualização do autor que se chama Лев Семёнович Выготский. A primeira dificuldade já começa aqui, na tradução do idioma Russo para a língua portuguesa. É possível encontrar seu nome escrito como Vygotsky, Vigotsky, Vygotski, Vigotskij, entre outros. Aqui utilizaremos a grafia Lev Semenovich Vigotski. Se há diferentes grafias para o seu nome, imaginem para a tradução dos seus textos!

Vigotski nasceu em 17 de novembro de 1896, Orsha, Bielorrússia. Nasceu no mesmo ano que Piaget (Jean William Fritz Piaget, 1896-1980). Mas, viveu apenas 38 anos. Faleceu dia 1 de junho de 1934, Moscou, Rússia. Em sua breve vida criou a psicologia histórico-cultural, com base na teoria marxista (materialismo histórico-dialético).

Há um autor brasileiro, chamado Newton Duarte, que contribui para contextualizar e conhecer a teoria de Vigotski. Duarte (2001) contextualizou os escritos de Vigotski e teceu críticas sobre as apropriações equivocadas, principalmente a partir das perspectivas neoliberais e pós-modernas. Newton Duarte é pedagogo, professor, pesquisador, escritor e coordenador do grupo de pesquisa Estudos Marxistas em Educação e utiliza Vigotski como uma de suas referências.

Duarte (2001) pontua ao menos dois problemas sobre como a teoria vigotskiana vem para o Brasil: um é o problema de tradução, outro é o problema de descontextualização da teoria. Duarte (2001) esclarece que há nas traduções que



distorcerem o significado das palavras e dos conceitos na tradução do Russo para outras línguas.

Além do problema da tradução há um reducionismo e simplificação da teoria de Vigotski, onde o caráter político de suas obras foi retirado e suprimido em algumas traduções. Por conta disso, há autores/as que tentam aproximar a concepção epistemológica do psicólogo suíço Jean William Fritz Piaget (interacionista-construtivista), da teoria do desenvolvimento humano de Lev Semionovitch Vigotski, formulada com base marxistas¹, criando a psicologia histórico-cultural.

Vigotski escreveu sobre as diferenças teóricas, ideológicas, metodológicas e epistemológicas entre a sua teoria e a teoria de Piaget. No entanto, o que chegou no Brasil não foi a tradução do texto integral do Livro “Pensamento e Linguagem”, de 1993, e sim, uma versão resumida traduzida da língua inglesa. Duarte (2001, p. 209) nos alerta sobre os cortes e reducionismos da obra de Vigotski, sendo que: “[...] as maiores alterações foram realizadas justamente no segundo capítulo, onde Vigotski faz a crítica a Piaget”. O próprio Piaget respondeu à crítica vigotskiana em alguns pontos, mas silenciou sobre o fato de que Vigotski procurou mostrar que o edifício teórico piagetiano estava construído sobre bases idealistas, enquanto Vigotski é materialista.

Assim, houve uma tentativa aproximar os escritos de Vigotski a Piaget e uma tentativa de adequar seus escritos ao capitalismo, afastando-o da perspectiva marxista. Neste sentido, Duarte (2001) defende:

[...] a necessidade de uma leitura marxista da obra de Vigotski, que se oponha às leituras neoliberais e pós-modernas dessa obra, que a incorporam aos ideários pedagógicos centrados no lema “aprender a aprender”, estamos travando uma batalha em campo aberto contra a reprodução da ideologia da classe dominante no meio educacional (Duarte, 2001, p. 36).

Ler e estudar Vigotski fora do seu contexto histórico e social é, no mínimo, um equívoco teórico e epistemológico. Desta forma, reconhecemos a teoria de Vigotski em uma perspectiva materialista, levando em consideração a força e influência das relações sociais para o desenvolvimento humano. “Trata-se, portanto, de construir



uma psicologia fundada sobre uma concepção verdadeiramente histórica do psiquismo humano, da mesma forma como Marx desenvolveu uma análise da sociedade capitalista como produto de um processo histórico” (Duarte, 2001, p. 37).

Materialismo Histórico-Dialético e a Psicologia Histórico-Cultural

Quando Newton Duarte (2001) alerta sobre a necessidade de uma leitura marxista da obra de Vigotski, está defende a necessidade de conhecermos o autor, suas obras, seu posicionamento teórico, filosófico e ideológico. Quando utilizamos os conceitos de um texto de forma deliberada, sem conhecer as bases de suas pesquisas, imprimimos significados que podem não corresponder à perspectiva do autor, como no caso de sugerir, que Vigotski, seja sociointeracionistaⁱⁱ, em uma tentativa de aproximação com Piaget.

Portanto, se a base do pensamento de Vigotski é marxista, isso significa que ele coaduna com o Materialismo Histórico-Dialético. O materialismo é uma vertente filosófica que parte das condições concretas e materiais da vida para explicar os fenômenos sociais, históricos, culturais e educacionais, em suas múltiplas determinações. E como nos diz Marx (2008), “não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.” Esta perspectiva é inversa ao idealismo, que parte da existência metafísica de uma realidade ideal. Portanto:

Hegel era idealista; isto é, para ele as ideias de sua cabeça não eram imagens mais ou menos abstratas dos objetos ou fenômenos da realidade, mas essas coisas e seu desenvolvimento se lhe afiguravam, ao contrário, como projeções realizadas da “Ideia”, que já existia, não se sabe como, antes de existir o mundo. Assim, foi tudo posto de cabeça para baixo, e a concatenação real do universal apresentava-se completamente às avessas. (Mandel, 2001, p. 41-42).

Marx, como leitor ávido que foi, compreendeu a lógica dialética do pensamento de Hegel concebia que a razão humana determinava a realidade. Ou seja, que o pensamento racional determina o que acontece na realidade e, assim, as coisas ocorrem primeiro no pensamento idealizado e depois na realidade. Isso é coerente



com o pensamento idealista. Porém, Marx inverte a lógica e concebe que a realidade concreta das pessoas, da sociedade é que condicionam os pensamentos, o conhecimento e as ações que regem a existência. O que contribui para formular o pensamento materialista.

Compreendemos que o materialismo não se desloca ou separa da vida real. Seu método não é abstrato, ele é concreto, e tem como base a leitura do mundo que está a serviço da constatação urgente de uma outra sociedade sem classes, ou seja, mais igualitária. O ponto de partida e o ponto de chegada está na prática social e na compreensão das contradições da sociedade a partir do método dialético.

A categoria trabalho é central ao materialismo histórico-dialético, pois é através do trabalho que podemos modificar nossa existência. Quando falamos de trabalho, não se trata do trabalho assalariado e de exploração no modo capitalista. Mas, sim, trabalho enquanto a relação que envolve o ser humano e a natureza, onde o ser humano atua e modifica a natureza para suprir as suas necessidades. Desse modo, “[...] por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (Marx, 1985, p. 149). A partir das necessidades e de acordo com o que se teve disponível (conhecimento e materiais) é que o ser humano trabalha, uma atividade pensada, orientada, que tem como objetivo e ação. Ao longo da história, ao modificar a natureza, o ser humano acaba modificando a sua própria existência e criando diferentes modos de viver e conviver em sociedade, ou seja, criando a humanidade em si mesmo(a) e coletivamente.

Com base no materialismo, Vigotski cria a psicologia histórico-cultural. Nela, aborda que o desenvolvimento humano depende das interações realizadas com o meio e as pessoas, da cultura, da linguagem, do contexto histórico, daquilo que a pessoa tem acesso, com quem ela convive, qual educação recebe, além das particularidades individuais, dos aspectos biológicos, das vivências e experiências.

O barulho dos mitos se quebrando no ensino de arte

No livro: *Imaginação e criação na infância*, Vigotski (2018) levanta duas questões importantes, uma no âmbito social e outra no âmbito pessoal. No âmbito social afirma



que: “A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores” (Vigotski, 2018, p. 44). No âmbito pessoal esclarece que aquilo que temos acesso e as nossas experiências anteriores influenciam no processo de imaginação e criação. Desse modo, a imaginação e criação se constroem com materiais da realidade.

O que podemos compreender como criação ou atividade criadora?

Chamamos atividade criadora do homem àquela em que se cria algo novo. [...] Está intimamente ligado à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes. (Vigotski, 2018, p.12).

Através da citação compreendemos que a criação não está apenas relacionada as grandes criações da humanidade, mas que a criação também ocorre em cada pessoa, quando cria algo novo para si. Assim, a criação não é o destino dos eleitos, mas sim, ocorre para todas as pessoas e vai sendo desenvolvida ao longo da vida e em sociedade.

Dessa forma, a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda a parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios”. (Vigotski, 2018, p. 17).

Refletindo sobre a imaginação e criação, Vigotski cria a 1ª lei da Imaginação, na qual afirma que:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a sua imaginação. (Vigotski, 2018, p.24)

Através desta lei, compreendemos que o processo de criação não ocorre espontaneamente a partir de impulsos internos e sim, a partir do que já se conhece. Por exemplo, a criança nunca foi para o espaço, mas desenhou um foguete e criou um planeta, isso significa que em algum momento ela viu e/ou ouviu sobre estes elementos da realidade e assim os trouxe para o desenho, de acordo com a sua memória, imaginação e com os materiais disponíveis.



Se as experiências anteriores e aquilo que a pessoa tem acesso influenciam no processo de imaginação e criação, compreende-se que uma pessoa adulta tem uma riqueza maior de experiências que contribuem para a sua imaginação e criação. Então, chegamos a conclusão de que a criança não é naturalmente mais criativa do que a pessoa adulta, como se ouviu por tanto tempo na perspectiva do ensino de arte.

Vigotski nega a opinião de que “[...] a imaginação na criança é mais rica do que no adulto” (Vigotski, 2018, p.46). E afirma que a imaginação atinge “[...] a sua maturidade somente na idade adulta” (Vigotski, 2018, p.47). Em compensação a criança confia mais nos produtos de sua imaginação (irreal e inventado) e os controla menos que os adultos, por isso são capazes de criar coisas sem a necessidade de um sentido lógico real.

Além do mito de que as crianças são mais criativas do que os adultos, Vigotski nega, conjuntamente, o mito da existência de um dom para as artes: “Existe uma opinião muito difundida de que a criação é o destino dos eleitos e que apenas quem tem o dom de um talento especial irá desenvolvê-la, podendo considerar-se convocado para a criação. Esse postulado não é correto [...]” (Vigotski, 2018, p.53).

Se o processo de criação não é espontâneo, mas socialmente construído e desenvolvido, isso nos permite pensar o quão importante é o contexto histórico, social, cultural e educativo onde a criança se desenvolve. Quanto maior for o acesso ao conhecimento, materiais e experiências voltados para as artes, maior a possibilidade de que a criança imagine e crie.

Sendo que, nenhuma criação é realizada antes que aconteçam as condições materiais e intelectuais para o seu surgimento. O processo de criação não ocorre espontaneamente a partir de impulsos internos e sim, a partir do que já se conhece. Tudo aquilo que a criança vê, ouve, sente, vive, aprende, ou seja, as situações concretas são as bases para suas criações.

A perspectiva de naturalizar dizendo que a criança tem um dom ou que ela é naturalmente criativa acaba mascarando a realidade de que a maior parte da população tem pouco acesso a arte. Essa desigualdade indica a necessidade de



ensinar os filhos da classe trabalhadora sobre a produção histórica da humanidade. Para isso, é necessário um ensino para além do imediatamente conhecido. Podemos partir da realidade das crianças, mas não permanecer nela. É necessário ampliar o repertório artístico, cultural, social, educacional e político através do ensino de artes.

Contribuições de Vigotski para o ensino

Se a imaginação e criação dependem da riqueza de experiências vividas pela pessoa, Vigotski esclarece que:

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso queira-se criar bases suficientemente sólidas para sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (Vigotski, 2018, p. 25)

Desse modo, um dos objetivos da educação e do ensino de artes visuais na escola é a ampliação do repertório artístico e cultural das pessoas. Ou seja, socializar o saber sistematizado aos estudantes, a fim de conhecer o trabalho criador humano realizado ao longo da história. Pensar a sociedade envolve conhecer a produção artística em diferentes períodos da história da humanidade e culturas e trazendo os conceitos, os conhecimentos científicos, os conteúdos das artes visuais e relacionando com a sociedade que vivemos.

Sobre os estudos do desenvolvimento de conceitos científicos com crianças em idade escolar, Vigotski (2007) apresenta a compreensão da existência de níveis de assimilação mais elevados da consciência. Neste estudo o autor destaca que o curso de desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos são diferentes. Delimitando que o conceito espontâneo se desenvolve na criança a partir de suas experiências vivenciadas em seu contexto social, sem bases científicas comprovadas. Já os científicos se mostram como resultado de um contexto escolar com estímulos



mais qualificados. No texto o autor descreve que ambos os conceitos, científicos e espontâneos estão relacionados, pois um exerce influência sobre o outro.

[...] Vigotski afirma que tanto os conteúdos como as formas de pensamento desenvolvem-se histórica e dialeticamente, isto é, que tanto na história social da humanidade como no desenvolvimento psicológico individual surgem funções psicológicas novas e superiores, indispensáveis à ampliação dos horizontes culturais coletivos e individuais. (Anjos; Duarte, 2016, p. 195-219)

Compreendemos que a aprendizagem ocorre em todas as fases do desenvolvimento. Para Vigotski (2007), a questão da aprendizagem e do desenvolvimento é questão central na formação dos conhecimentos científicos. Neste sentido e a escola se apresenta como um lugar de referência na formação dos conhecimentos científicos, técnicos e artísticos.

Pedagogia brasileira com base em Vigotski e Marx

A Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) é uma corrente pedagógica pensada para a educação brasileira e criada por Dermeval Saviani. Esta pedagogia emerge no final da década de 1970, com o pressuposto de entender a realidade social e a realidade educacional brasileira em razão da “necessidade de encontrar alternativa à pedagogia dominante”, realizando críticas a “pedagogia oficial” (Saviani, 2003, p.131).

É nesse contexto que emerge a pedagogia histórico-crítica como uma teoria que procura compreender os limites da educação vigente e, ao mesmo tempo, superá-los por meio da formulação dos princípios, métodos e procedimentos práticos ligados tanto à organização do sistema de ensino quanto ao desenvolvimento dos processos pedagógicos que põe em movimento a relação professor-alunos no interior das escolas (Saviani, 2003, p.119).

Uma teoria que visa compreender as contradições e os limites da educação vigente com o intuito de superá-los, tendo em vista o interesse dos dominados no processo de formação educacional, com o intuito de contribuir para a libertação e para a construção de uma sociedade igualitária. Mas, com a consciência de que a educação não é capaz de mudar a sociedade sozinha e sim, articulada às demais esferas da vida, para construir as bases de transformação da sociedade.



VIDAS



Compreende-se assim, que a educação e a arte possuem um poder real, ainda que limitado, na luta para que as pessoas tenham igualmente acesso ao saber, pois a escola, em todos os seus níveis de ensino, é o espaço dedicado a proporcionar aos/as estudantes de conhecimentos filosóficos, artísticos e científicos (Saviani, 2018).

A tarefa de construir uma pedagogia baseada no marxismo implica a apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico-dialético. Penetrar no interior dos processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes pedagógicas que possibilitaram a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógicos-didáticos que movimentarão um novo *éthos* educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um ser humano. (Duarte; Saviani, 2012, p. 81).

A Pedagogia Histórico-crítica se insere como uma concepção teórico-metodológica crítica, situada no campo educacional e de atuação política, cujo posicionamento pressupõe um enfrentamento às correntes ligadas ao pensamento hegemônico e aos interesses do capital. Assim, a pedagogia investiga as determinações sociais buscando articulá-los ao trabalho pedagógico e educativo.

Com base na PHC, os/as professores/as buscam a emancipação dos/as estudantes, a partir da assimilação dos conhecimentos. Num processo que envolve a prática pedagógica de mediação e investigação, ensinando conteúdos clássicos, observando a relação entre conteúdo e forma em uma potência heurística da PHC, ou seja, descobrir, ou levar a descobrir, enfatizando a importância de se estudar.

Considerações

Diante dos argumentos apresentados, destacamos que este texto é um convite e uma provocação para as pessoas que queiram iniciar seus estudos sobre Vigotski. Bem como, para conhecer e incorporar a obra do teórico russo, na relação direta com a



perspectiva do materialismo histórico-dialético. Tendo a consciência de que houve o interesse de afastar a teoria de Vigotski do materialismo de Marx.

O sistema social vigente utiliza a educação como um modo de reprodução da sociedade. E de forma consciente, podemos ser instrumento de transformação e de lutas sociais adotando um posicionamento político e educativo contra-hegemônico, por exemplo, a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, que é uma pedagogia brasileira com base em teóricos como Marx e Vigotski, entre outros. Para ter clareza sobre as concepções educacionais e suas influências, é preciso aprofundar as leituras indicadas e os debates, a fim de alcançar um aprofundamento teórico e prático, na *práxis* social.

Portanto, no ensino de arte, assim como ocorre nas demais áreas do conhecimento, esta proposta pedagógica da PHC possibilita a ampliação da compreensão de mundo e traz um olhar para a realidade de forma consciente, oportunizando o indivíduo atuar nesta sociedade e se projetando uma nova forma do ser social.

Referências

ANJOS, Ricardo Eleutério dos.; DUARTE Newton. **Comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos**. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Ângelo Antônio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice. Campinas-SP: Autores Associados, 2016. p. 195-219)

DUARTE, Newton. **Currículo do sistema currículo Lattes**. Araraquara, SP, 24 mai. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2161593951236436> Acesso em: 4 jul. 2023.

Duarte, Newton Vigotski e o “Aprender a Aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana/ Newton Duarte — 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea) Site: <http://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/autores/Duarte,%20Newton/Vigotski%20e%20o%20Aprender%20a%20Aprender.pdf>

DUARTE, Newton; SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: S.P. Autores Associados, 2012.

MANDEL, Ernest. **O lugar do marxismo na história**. São Paulo: Xamã, 2001, p. 41-42.



VIDAS



MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2.ed. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, Livro I, Tomo I, 1985

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43ª edição revista. Campinas: Autores Associados, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: autores Associados, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2018.

VYGOTSKI, Lev. O desenvolvimento dos conceitos científicos durante a infância. In. VYGOTSKI, Lev. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Relógio D'água editores. 2007.

Notas

ⁱ Karl Marx nasceu em Tréveris (cidade que fazia parte da Prússia, hoje Alemanha) em 5 de maio de 1818 e faleceu em Londres, em 14 de março de 1883. Marx estudou Direito, mas aprofundou seus trabalhos na área da Filosofia, História e Economia, pois se dedicou a estudar a sociedade, a economia e a política de sua época, em uma perspectiva dialética e materialista da história.

ⁱⁱ Por essa razão, constituiu-se num equívoco a denominação “sociointeracionismo” dada por psicólogos e educadores brasileiros à teoria de Vigotski. Não existe um interacionismo “menos social” e um interacionismo “mais social”. A verdade é que, sendo o modelo interacionista um modelo biologizante, naturalizante, não permite uma abordagem realmente historicizada do ser humano, isto é, não permite uma abordagem que leve à compreensão do homem como um ser histórico e social. DUARTE (2001, p. 222).